

Orquestra Gulbenkian

Piotr Anderszewski



14 + 15 fev 2019

Orquestra Gulbenkian

14 FEVEREIRO
QUINTA

21:00 — *Grande Auditório*

15 FEVEREIRO
SEXTA

19:00 — *Grande Auditório*

Orquestra Gulbenkian

Piotr Anderszewski Piano / Direção

Alexander Janiczek Concertino / Direção

Wolfgang Amadeus Mozart

Sinfonia n.º 25, em Sol menor, K. 183

Allegro con brio

Andante

Menuetto – Trio

Allegro

Concerto para Piano e Orquestra n.º 24,
em Dó menor, K. 491

Allegro

Larghetto

Allegretto

INTERVALO

Ludwig van Beethoven

Concerto para Piano e Orquestra n.º 1,
em Dó maior, op. 15

Allegro con brio

Largo

Rondo: Allegro

Duração total prevista: c. 2h
Intervalo de 20 min.

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Wolfgang Amadeus Mozart

Salzburgo, 27 de janeiro de 1756
Viena, 5 de dezembro de 1791

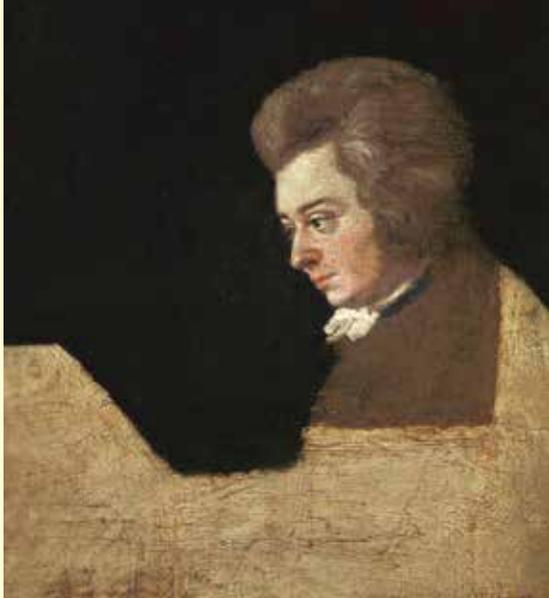
Sinfonia n.º 25, em Sol menor, K. 183

COMPOSIÇÃO: 1773
DURAÇÃO: c. 20 min.

Concerto para Piano e Orquestra n.º 24, em Dó menor, K. 491

COMPOSIÇÃO: 1786
ESTREIA: Viena, 7 de abril de 1786
DURAÇÃO: c. 30 min.

A Sinfonia n.º 25, em Sol menor, K. 183, de W. A. Mozart, foi finalizada em Salzburgo, a 5 de outubro de 1773, numa altura em que os ventos agitados do *Sturm und Drang* deixavam marca perene nos círculos literários e musicais das principais cidades austro-germânicas. A Sinfonia K. 183, saída da pena do jovem músico de apenas dezassete anos, foi uma das obras a testemunhar a influência desta corrente estética, desde logo pelo cariz lúgubre da tonalidade de Sol menor, assim como pela instrumentação, reforçada com dois fagotes e quatro trompas, a somar aos costumeiros dois oboés, às cordas e ao baixo de acompanhamento. As reminiscências dramáticas, a preocupação com a interioridade mais escondida do ser humano e as palpitações indecisas entre diferentes estados de alma vão também pautando o horizonte emocional da Sinfonia K. 183, correspondendo, por um lado às temáticas e aos ambientes prediletos do *Sturm und Drang* e, por outro, ao ensejo precoce de transformação musical, rumo ao alargamento da forma e à complexificação das texturas, do discurso motívico e das relações tonais. A densidade dramática assoma, desde logo, no andamento inicial, *Allegro con brio*, impelido



RETRATO INACABADO DE MOZART, POR JOSEPH LANGE, 1782 © DR

pelo sincopado primeiro tema. O delicado *Andante* estabelece um momento de contraste, através do diálogo entre as cordas, o oboé e os fagotes. O *Menuetto* irrompe enfim, repleto de energia, mas também de angústia, mantendo a ligação à tonalidade principal de Sol menor. Apenas o *Trio*, inteiramente confiado aos sopros, altera o *pathos* da secção inicial, infletindo sobre a tonalidade homónima de Sol maior. No derradeiro andamento, *Allegro*, Mozart retorna ao agitado jogo de motivos, distribuídos pelos naipes de forma imaginativa e variada, sem nunca pôr em causa a vocação inicial da obra.

Composto posteriormente na cidade de Viena, o Concerto para Piano e Orquestra, n.º 24, em Dó menor, K. 491, é herdeiro das propostas estéticas e estilísticas da anterior Sinfonia K. 183, no sentido em que, também ele, assenta nos mesmos princípios de oposição contrastante de motivos e adensamento das texturas orquestrais, sobre uma tonalidade-base do modo menor.

Para a sua projecção nos círculos musicais da cidade de Viena, na qual se estabeleceu a partir de 1781, Mozart dependeu não apenas



VISTA DE VIENA, POR BERNARDO BELLOTTO (CANALETTO), C. 1759 © DR

dos géneros mais populares da sinfonia e da ópera, mas também, e muito especialmente, da produção de concertos para piano e orquestra. A extensa produção que teve origem entre 1784 e 1786, na qual se insere o presente exemplo, contribuiu, em grande medida, para que Mozart fosse reconhecido na capital europeia da música, quer como compositor, quer como intérprete. À frente do teclado e interagindo com as formações orquestrais que escolhia criteriosamente, de acordo com as necessidades artísticas, mas também com os meios humanos disponíveis, veio a expandir o princípio barroco da alternância entre episódios solistas e ritornelli orquestrais, imprimindo-lhe o dramatismo das formas de sonata, com os seus contrastes, tensões e ânsias de reconciliação e apaziguamento. Nesta conduta, Mozart seguiu, de resto, os procedimentos cimentados por criadores da envergadura de um Johann Christian Bach ou de um Joseph Haydn, mas o grau de elaboração técnica e idiomática destas obras, aliado à polivalência de sentimentos e percepções da vida – a qual só poderia ter tido origem numa experiência direta e continuada com diferentes meios socioculturais –,

emprestou ao *corpus* concertante mozartiano uma dimensão canónica, no quadro da tradição classicista europeia.

Após a vasta introdução orquestral do primeiro andamento, *Allegro*, o piano solista procura, a cada momento, tomar a iniciativa do discurso temático, rasgando frases de grande lirismo e intensidade expressiva. Por vezes, partilha com os restantes naipes da orquestra, e em particular com os sopros, a condução da textura, como acontece no andamento lento, *Larghetto*, na tonalidade mediante de Mi bemol maior. Para o *Allegretto* final, Mozart reservou uma série de variações sobre um tema, na tonalidade principal de Dó menor. Do ponto de vista harmónico, um dos expedientes mais destacados é o acorde de sexta alemã que resolve para a dominante, gerando tensão como acontece em várias passagens da anterior Sinfonia K. 183. O mundo estimulante da ópera, com o seu melodismo vocal e a constante busca da expressão dramática, não terá certamente sido alheio ao pensamento de Mozart enquanto escrevia o Concerto K. 491, concluído menos de dois meses antes da estreia de *As bodas de Figaro*, a 1 de maio de 1786.

Ludwig van Beethoven

Bona, 16 (ou 17) de dezembro de 1770
Viena, 26 de março de 1827

Concerto para Piano e Orquestra n.º 1, em Dó maior, op. 15

COMPOSIÇÃO: 1795 / rev. 1800

ESTREIA: Viena, 18 de dezembro de 1795

DURAÇÃO: c. 35 min.

Publicado em Viena em março de 1801, o Concerto para Piano n.º 1, em Dó maior, op. 15, de Beethoven, terá sido concluído em simultâneo com o Concerto n.º 2, em Si bemol maior, op. 19, entre o final de 1795 e o início de 1796. Em 1798, Beethoven retomava os manuscritos de ambas as obras para proceder a alterações diversas, antes de consentir na sua edição. Só em março de 1801 aparecia o Concerto n.º 1 na estampa vienense de Tranquillo Mollo, enquanto que o Concerto n.º 2 veio a ser publicado em dezembro do mesmo ano, em Leipzig. Neste exemplo pioneiro da sua produção concertante, Beethoven seguiu as convenções formais e de escrita idiomática do Classicismo, designadamente o modelo mozartiano anteriormente escutado. O instrumento solista assume aqui um papel preponderante face à orquestra, a qual mantém o efetivo instrumental utilizado por Mozart: cordas, uma flauta, dois oboés, dois clarinetes, dois fagotes, duas trompas e tímpanos. Na linha dos concertos clássicos, o primeiro andamento, *Allegro con brio*, inicia-se com uma alargada introdução orquestral, no âmbito da qual são desvelados os dois temas da exposição: o primeiro mais enérgico e marcial; o segundo mais lírico e *cantabile*. Ambos os temas virão a ser objeto de exploração pelo piano, muito embora num fluxo contínuo de transformações, não apenas de natureza ornamental como

CONCERTO OP. 15, 2º AND. - LEIPZIG B.&H., 1862 © DR

também virtuosística, o que releva das aspirações de Beethoven como pianista. O andamento prossegue com o desenvolvimento, inicialmente na tonalidade de Mi bemol maior, mas com modulação posterior à tonalidade homónima de Dó menor, o que lhe traz maior carga dramática. Após longa nota pedal na dominante, tem lugar a recapitulação linear do material inicial, com a participação do piano em diálogo com as cordas. Espaço depois para a cadência do solista, antes do breve epílogo em *tutti* orquestral. Apesar do recorte convencional, este Concerto concentra algumas tendências tipicamente beethovenianas, audíveis sobretudo no andamento central, *Largo*, fresco poético de enorme inventividade e lirismo, assim como no andamento final, *Rondo: Allegro*, mais voltado para a variação rítmica e das dinâmicas orquestrais.

NOTAS DE RUI CABRAL LOPES



© SIMON-FOWLER - WARNER CLASSICS

Piotr Anderszewski

Piotr Anderszewski estudou na Academia Chopin de Varsóvia e nos Conservatórios de Estrasburgo e de Lyon. Como solista de concerto, colaborou com muitas das grandes orquestras mundiais, apresentando-se também na dupla função de solista e diretor de orquestra. Em residência na Gulbenkian Música 18/19, atua pela terceira vez na presente temporada. Outros compromissos incluem colaborações com a Philharmonia Orchestra, a Sinfónica de Londres, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig e a Sinfónica Yomiuri Nippon. A sua agenda de recitais inclui a Philharmonie de Berlim, o Festival de Música de Lucerna, o Konzerthaus de Viena e a Herkulessaal de Munique. Piotr Anderszewski recebeu várias distinções, incluindo o Prémio Gilmore, o Prémio Szymanowski e o prémio da Royal Philharmonic Society. As suas gravações para a Warner Classics/Erato receberam também vários prémios, incluindo *Gramophone*, *ECHO Classic*, *BBC Music Magazine* e nomeações para os *Grammy*. Piotr Anderszewski é a figura central em dois documentários de Bruno Monsiegeon: em *Piotr Anderszewski plays the Diabelli Variations* (2001) o pianista apresenta a sua relação particular com as *Variações Diabelli* de Beethoven; *Unquiet Traveller* (2008) é um retrato de Anderszewski que captura as suas reflexões sobre a interpretação e sobre as suas raízes polacas e húngaras. Em 2016 o próprio Anderszewski ocupou o lugar atrás da câmara num filme intitulado *Je m'appelle Varsovie*.



© KIRSTEN NIJHOF

Alexander Janiczek

O fôlego intelectual e musical de Alexander Janiczek é pouco comum entre os violinistas dos nossos dias. Na imprensa especializada, termos como “fascinante” e “surpreendente” caracterizam com frequência a sua destreza técnica e instrumental e a intensa musicalidade das suas atuações. Alexander Janiczek é um profissional completo, empenhando-se em todas as atividades que um violinista pode desenvolver – solista, diretor de orquestra, músico de câmara e professor. Atraiu a atenção internacional em função do seu trabalho com o lendário professor Sándor Végh, que o nomeou para o lugar de concertino da Camerata Salzburg quando o jovem violinista tinha apenas vinte anos. Desde então, realizou digressões na Europa e no Extremo Oriente, nomeadamente em colaboração com as mais destacadas orquestras de câmara da Europa, incluindo as dedicadas às interpretações em instrumentos originais, sob a direção de maestros como Robert Levin, Ton Koopman ou Philippe Herreweghe. Alexander Janiczek apresenta-se regularmente como músico de câmara, tendo sido convidado para o Marlboro Music Festival por Mitsuko Uchida e Richard Goode. Alexander Janiczek é Professor de Violino na Guildhall School of Music and Drama, em Londres. Toca o violino Giuseppe Guarneri, del Gesù, *ex-Sorkin* (Cremona, 1731), por empréstimo do Banco Nacional da Áustria.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

© GW/MÁRCIA LIESSA



Lorenzo Viotti Maestro Titular
Giancarlo Guerrero Maestro Convidado Principal
Leonardo García Alarcón Maestro Associado
Nuno Coelho Maestro Convidado

PRIMEIROS VIOLINOS
Alexander Janiczek
*Concertino Principal**
Francisco Lima Santos
1º Concertino Auxiliar
Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*
António José Miranda
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnnon
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
Tomás Costa *
Anna Paliwoda *

SEGUNDOS VIOLINOS
Alexandra Mendes *1º Solista*
Jordi Rodriguez *1º Solista*
Cecília Branco *2º Solista*
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Miguel Simões *
Félix Duarte *
Tamila Kharambura *

VIOLAS
Samuel Barsegian *1º Solista*
Lu Zheng *1º Solista*
Isabel Pimentel *2º Solista*
Patrick Eisinger
Leonor Braga Santos
Christopher Hooley
Maia Kouznetsova
Nuno Soares *

VIOLONCELOS
Varoujan Bartikian *1º Solista*
Marco Pereira *1º Solista*
Martin Henneken *2º Solista*

Levon Mouradian
Jeremy Lake
Raquel Reis

CONTRABAIXOS
Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*
Domingos Ribeiro *1º Solista*
Manuel Rego *2º Solista*
Marine Triolet
Maja Plüddemann

FLAUTAS
Cristina Ánchel *1º Solista Auxiliar*
Amália Tortajada *1º Solista Auxiliar*

OBOÉS
Pedro Ribeiro *1º Solista*
Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*
Alice Caplow-Sparks *2º Solista*
Corne inglês

CLARINETES
Esther Georgie *1º Solista*
Iva Barbosa *1º Solista Auxiliar*
José María Mosqueda *2º Solista*
Clarinete baixo

FAGOTES
Ricardo Ramos *1º Solista*
Vera Dias *1º Solista Auxiliar*
Raquel Saraiva *2º Solista*

TROMPAS
Gabriele Amarù *1º Solista*
Kenneth Best *1º Solista*
Eric Murphy *2º Solista*
Darcy Edmundson-Andrade
2º Solista
Pedro Fernandes *2º Solista**

TROMPETES
Adrian Martinez *1º Solista*
David Burt *2º Solista*

TROMBONES
Sérgio Miñana *1º Solista*
Rui Fernandes *2º Solista*
Pedro Canhoto *2º Solista*

TUBA
Amílcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES
Rui Sul Gomes *1º Solista*

PERCUSSÃO
Abel Cardoso *2º Solista*

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO
António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO
Américo Martins, Marta Andrade,
Raquel Serra, Guilherme Baptista,
Fábio Cachão

O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é selecionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Grupo  CaixaBank

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson
DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
800 exemplares
PREÇO
2€

Lisboa, Fevereiro 2019

